

## Qué es trabajo? Una encuesta de becarios del IFRN

**Izabel Cristina Leite de Lima**

izabel.leite@ifrn.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-7745-7269>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

Apodi - RN, Brasil.

**Sonia Cristina Ferreira Maia**

soniacris15@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3986-6517>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

Natal - RN, Brasil.

**Recebido:** 31/03/2022 **Aceito:** 06/06/2022

### Resumen

Este artículo aborda un producto educativo en formato de compendio académico, titulado “Qué es el trabajo?”, exigido por el Programa de Posgrado en Educación Profesional y Tecnológica (PROFEPT), que fue aplicado a los alumnos del Programa de Apoyo a la Formación de Estudiantes (PAFE), del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Rio Grande do Norte (IFRN) campus Apodi. En ese sentido, trajo discusiones que envuelven el mundo del trabajo, con el objetivo de discutir el trabajo como principio educativo, más allá de la visión de marketing, trayendo discusiones como los conceptos de trabajo y empleo; la relación escolaridad x empleabilidad; la dimensión ontológica del trabajo; sus cambios en el tiempo; y el trabajo como principio educativo.

**Palabras clave:** Mundo de trabajo. Compendio académico. Programa de Apoyo a la Formación de Estudiantes.

## O que é trabalho? Uma pesquisa com estudantes bolsistas do IFRN

### Resumo

Este artigo discorre acerca de um produto educacional no formato de compêndio acadêmico, intitulado “O que é trabalho?”, exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), o qual foi aplicado com os alunos do Programa de Apoio à Formação Estudantil (PAFE), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) campus Apodi. Nesse sentido, traz temáticas que envolvem o mundo do trabalho, com o objetivo de discutir o trabalho como princípio educativo, para além da visão mercadológica, discutindo os conceitos de trabalho e emprego; a relação escolaridade x empregabilidade; a dimensão ontológica do trabalho e suas mudanças ao longo do tempo; e o trabalho como princípio educativo.

**Palavras-chave:** Mundo do trabalho. Compendio acadêmico. Programa de Apoio à Formação Estudantil.

## What is work? A survey of IFRN scholarship students

### Abstract

This article discusses an educational product in the format of an academic compendium, entitled “What is work?”, required by the Graduate Program in Professional and Technological Education (PROFEPT), which was applied to students of the Student Training Support Program (PAFE), of the Federal Institute of Education, Science and Technology of

Rio Grande do Norte (IFRN) Apodi campus. In this sense, themes that involves the world of work are presents, with the objective of discussing work as an educational principle, beyond the marketing vision, bringing discussions such as the concepts of work and employment; the schooling x employability relationship; the ontological dimension of work; its changes over time; and work as an educational principle.

**Keywords:** World of work. Compendium Aid. Support Program for Student Training.

## Introdução

O presente estudo, desenvolvido com os estudantes bolsistas do Programa de Apoio à Formação Estudantil (PAFE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) *campus* Apodi, traz discussões que envolvem o mundo do trabalho, com a intenção de ser replicado para os demais *campi* e/ou instituições da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (RFEPT). Tem como objetivo discutir o trabalho como princípio educativo, para além da visão mercadológica, discutindo os conceitos de *trabalho* e *emprego*; a relação escolaridade x empregabilidade; a dimensão ontológica do trabalho; suas mudanças ao longo do tempo; e o trabalho como princípio educativo. Parafraseando a Profa. Elenice Gomes de Oliveira, “desde que o mundo surgiu, a vida carrega a morte”; acrescentaríamos: desde que o mundo surgiu, o homem carrega em si o trabalho e vice-versa.

É sobre essa relação que nos debruçamos, por compreendermos que não existiria o homem sem o trabalho, porque o trabalho é a própria essência do homem. É imperativo, portanto, termos clareza de que nada nos diferencia dos demais animais, senão o trabalho.

Nesse sentido, é imprescindível discutir as transformações que o mundo do trabalho sofreu, o contexto social e político no qual essa categoria de estudo está submersa. Pensá-lo para além da visão mercadológica e trazê-lo para sua fase inicial de ontologia do ser social se faz urgente. Em tempos de desemprego estrutural, de precarização do trabalho, é necessário estarmos atentos para os reais condicionantes dessa realidade sem culpabilizar (ainda mais) aqueles que mais têm sofrido com as sequelas dessa precarização: a classe trabalhadora.

## O trabalho como ontologia do ser

Dizes-me: tu és mais alguma coisa<sup>1</sup>

Que uma pedra ou uma planta. Dizes-me: sentes, pensas e sabes

Que pensas e sentes. Então as pedras escrevem versos?

---

<sup>1</sup> Trecho do poema “Sentes, pensas e sabes que pensas e sente” do heterônimo Alberto Caeiro de Fernando Pessoa.

Então as plantas têm ideias sobre o mundo?  
(Alberto Caeiro, 1915)

Introduzimos nessa seção o poema de Alberto Caeiro, o qual nos traz algumas questões iniciais para refletirmos sobre os sentidos do trabalho. No poema, o autor sugere alguns elementos que, supostamente, nos diferenciam dos demais seres, como plantas e pedras; e é neste ponto que queremos abordar o trabalho inicialmente. Para tal, indagamos: o que nos diferencia dos outros animais? A resposta é enfática: o trabalho. Vejamos o conceito de Marx (1985c, p. 149):

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeito o jogo de suas forças a seu próprio domínio. Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de trabalho. O estado em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor da sua própria força de trabalho deixou para o fundo dos tempos primitivos o estado em que o estado humano não se desfez ainda de sua primeira forma instintiva. Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e as abelhas envergonham mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho, obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador e, portanto, idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade e essa subordinação não é um ato isolado.

Coadunando com Marx, Borges (2017) aborda o trabalho como uma atividade humana, que diferencia o homem dos demais animais. Isso porque, ao interagir com a natureza de forma consciente, o homem produz sua sobrevivência, ao passo que se reproduz como ser social. A ação consciente em forma de trabalho faz com que o homem se humanize, ou seja, se distancie de suas condições naturais de origem e se torne um ser social. Isso ocorre, pois, ao transformar a natureza, o homem não o faz sozinho, ele o faz em relação com o outro humano. Borges (2017, p. 102) então argumenta que:

Compreender essa diferenciação da natureza – na medida em que o homem se distancia de sua determinação natural, sem nunca a abandonar – é conceber a ontologia do ser social, como formulou György Lukács, com base em Karl Marx e Friedrich Engels.

Sobre o conceito de *trabalho*, Engels (1876, n.p.) afirma que o “homem se diferencia dos outros animais ao ter uma transformação estrutural de sua mão em determinada condição

histórica e, a partir daí o longo caminho até a utilização consciente do gesto – e a teleologia da ação – como trabalho”. O trabalho é então, de acordo com esse autor, a ação consciente, a capacidade do homem em projetar algo e, ao final, concretizá-lo. Ou seja, o trabalho é uma ação criadora, consciente e humana.

Corroborando com o que foi supracitado, Frigotto (2009, p. 170) argumenta que, para Marx, o trabalho seria o “intercâmbio orgânico do ser humano com a natureza e a atividade que transforma a matéria natural”. Ou seja, uma atividade transformadora não apenas da natureza, mas do próprio homem. Para Frigotto (2009) os sentidos do trabalho são resultado das relações sociais que se estabeleceram em diferentes épocas históricas. Foi a partir do Século XVIII que esta atividade humana recebeu um sentido mais geral, quando, na sociedade capitalista e, conseqüentemente, nas suas relações sociais de produção que o trabalho tem o seu sentido atrelado ao emprego remunerado. Para além da exposição, quais outros sentidos foram atribuídos ao trabalho ao longo do tempo?

A palavra *trabalho* tem sua origem nos termos latinos *tripalium* e *trabacula*. Tais termos estão associados a sofrimento, uma vez que *tripalium* se referia a um instrumento de três paus relacionado à tortura, reforçando assim o sentido negativo do trabalho como sofrimento e castigo (ROSSATO, 2001). A palavra *trabalho* também se atrela a *labor*, de origem latina, que significa sofrimento, esforço e dor.

Na Grécia, o trabalho manual era considerado indigno, destinado apenas para os escravos, enquanto, para os homens livres, era destinado o trabalho intelectual. De acordo com Rossato (2001), a tradição judaica também reforçava a ideia de *trabalho* como algo penoso ou castigo, assim como, para o Cristianismo, era uma forma de punição ao pecado. É certo que o trabalho humano tem uma longa trajetória histórica desde o trabalho escravo nas civilizações antigas, como o trabalho servil na Idade Média. Para Platão, o trabalho era uma atividade da qual o homem deveria ser poupado e, para Aristóteles, a atividade política se sobrepunha a atividades braçais. Em Roma, essa concepção de trabalho manual como inferior também era designada aos escravos e o ócio era visto como privilégio daqueles que detinham o poder sobre os escravos e servos.

Tal conotação negativa do trabalho só vai sofrer mudanças com a Reforma Protestante, que passará a conceber o trabalho como uma forma de servir a Deus e, por consequência, conseguir a salvação. Conforme demonstra Della Fonte (2018, p. 9), Max Weber considerava que “o espírito do capitalismo envolve uma ética de vida que condena o ócio e a preguiça e abraça uma orientação na qual o indivíduo vê a dedicação ao trabalho

e a busca da riqueza como um dever moral”. Assim posto, segundo Borges e Yamamoto (2014, p. 28):

Mudanças foram acontecendo paulatinamente durante a Idade Média no que se refere à economia e à estrutura das sociedades, de forma que as ideias mais influentes na Antiguidade foram se tornando inadequadas. É com o surgimento do capitalismo que se constrói e se consolida uma mudança mais visível na reflexão sobre o trabalho.

Diante do exposto, é visível a dupla conotação que o trabalho assumiu ao longo dos anos. Ora como castigo, sofrimento; ora como recompensa e dignidade. É certo que, após o capitalismo, o trabalho assumiu um formato unilateral enquanto atividade humana, visto que, com a manufatura, essa atividade foi parcelada e o homem passou a desconhecer todo o processo de produção. O trabalho passou a ser alienado ao homem, que também já não possuía os seus meios de produção; seu trabalho tornou-se uma mercadoria para o capital e, com a introdução da maquinaria, o trabalhador torna-se apêndice da máquina.

É a partir das relações capitalistas que, de acordo com Frigotto (2009), o trabalho passou a ser reduzido a emprego remunerado. Ou seja, é a partir do modo de produção capitalista que a categoria *trabalho* se distancia do seu sentido ontológico e reduz-se a palavra *emprego*. Segundo o autor, “dessa redução ideológica, resulta que, no senso comum, a grande maioria das pessoas entenda como não trabalho o cuidar da casa, cuidar dos filhos etc” (FRIGOTTO, 2009, p. 176). Nessa perspectiva, Kosik (1986, p. 180) traz uma importante contribuição, ao afirmar que o trabalho “é um processo que permeia todo o ser do homem e constitui a sua especificidade. Por isso ele não se reduz à atividade laborativa ou emprego, mas à produção de todas as dimensões da vida humana”. Kosik (1986) acrescenta ainda a relação do trabalho entre a necessidade e a liberdade, como uma relação histórica e variável, já que para esse autor, o trabalho humano não se separa da esfera da necessidade, mas, ao superá-la cria os pressupostos reais de liberdade.

Por conseguinte, é perceptível que termos como trabalho, emprego e classe social estão imbricados. Assim, como coloca Frigotto (2009), estes são historicamente determinados pelas relações sociais que se estabeleceram, porém diferem em alguns sentidos e objetivos. De acordo com Borges e Yamamoto (2014, p. 27) “Jahoda (1987), têm-se preocupado com tal diferenciação. Para a autora, o termo *emprego* é uma forma específica de trabalho econômico (que pressupõe a remuneração), regulado por um acordo contratual (de caráter jurídico)”. O que nos faz retomar às contribuições de Frigotto sobre esse tema, visto que, para o autor, não devemos reduzir o trabalho a emprego, assim como Borges também concorda que ambos não são sinônimos, porém não são antítese.

Após essas discussões em torno da etimologia da palavra *trabalho*, abordaremos na próxima seção as metamorfoses que o trabalho sofreu ao longo do tempo e suas consequências para a classe trabalhadora. Trata-se de um breve histórico de como chegamos até aqui e as relações sociais que se estabeleceram no processo de produção do trabalho, desde as sociedades primitivas até à consolidação do modo de produção capitalista.

### **As metamorfoses do trabalho**

E desde que o mundo é mundo Oriente ou  
Occidente  
Tem cultura, tem trabalho Exploração e acidente  
Maneira de fazer coisas Pensamentos diferentes  
(Prof<sup>ª</sup>. Elenice Gomes de Oliveira)

Desde que o mundo é mundo, o trabalho e o homem caminham juntos. Nessa caminhada, é possível observarmos as diferentes formas de sociabilidades, relações de poder, de dominação e subordinação pela qual essa relação tão estreita foi acometida. Isso porque o trabalho foi ganhando novas configurações ao longo do tempo. Vários teóricos se debruçaram sobre essa categoria de estudo, evidenciando a importância dela para a sociedade. O trabalho, assim como o homem, é, portanto, histórico. Nesse sentido, nos empenhamos, neste tópico, em desvelar o trabalho ao longo da história, desde as sociedades primitivas até à sociedade contemporânea.

Assim posto, o trabalho foi se reconfigurando de acordo com as sociedades e o modo como estas produziam suas riquezas, seu sustento e ainda o modo como essa produção se organizava. Neste sentido, Manfredi (2016, p. 22) argumenta que:

Nas sociedades primitivas, em civilizações que viviam à base das economias de coleta, de pesca e de agricultura rudimentar, a primeira divisão social do trabalho dava-se segundo a diferenciação sexual e de idade: crianças e jovens eram responsáveis por certas tarefas domésticas, às mulheres cabiam atividades domésticas e agricultura e aos homens reservavam-se as tarefas mais “nobres”, como a colheita e a caça.

Percebe-se aí a primeira divisão social do trabalho, da qual derivou a divisão sexual do trabalho e a forma como, até hoje, o trabalho feminino é visto pela sociedade; a “nobreza” atribuída ao trabalho masculino em detrimento do trabalho feminino. Manfredi (2016, p. 35) também destaca que essa configuração do trabalho feminino e dos jovens se manterá na sociedade agrícola em que “as mulheres continuam com a responsabilidade do trabalho doméstico”.

Com o desenvolvimento da agricultura, os instrumentos e equipamentos de trabalho foram se aperfeiçoando cada vez mais. Somando-se ao crescimento das cidades temos uma

configuração que propiciou uma nova divisão do trabalho. Abriu-se o caminho para o desenvolvimento da produção artesanal e, paralelo a isso, o crescimento da agricultura extensiva. Todos esses fatores corroboram para o desenvolvimento do comércio e, conseqüentemente, para o surgimento de uma nova divisão do trabalho. Se antes essa divisão era demarcada pelo sexo e faixa etária, surgia a partir desses novos fatores, o aparecimento de novas classes sociais que, de acordo com Manfredi (2016, p. 35), eram compostas por: “agricultores, artesãos, comerciantes, guerreiros, senhores feudais, padres”.

No período histórico acima exposto, surgem as primeiras protoformas de ofícios e profissões, graças às mudanças de organização na cadeia produtiva e sistemas econômicos das sociedades que, como explanamos, foram se reconfigurando ao longo do tempo. Se antes, nas sociedades pré-industriais, tínhamos uma economia de subsistência, em que o trabalhador pré-industrial, apesar do trabalho árduo, detinha o controle do seu processo de trabalho, com a indústria, esse trabalho sofre uma reorganização.

Com a ascensão do capitalismo, o trabalho passou a ser uma mercadoria, a qual, quanto mais gera lucro para o capital, mais valor é agregado a ele. Partindo desse aspecto, Marx discute dois tipos de trabalho: produtivo e improdutivo. O trabalho produtivo, para Marx, é aquele que produz mais-valia e gera lucro para o capital. Ao contrário do produtivo, o trabalho improdutivo não produz mais-valia. Vejamos esse exemplo dado por Marx (1985c, p. 115):

Uma cantora que canta como um pássaro é uma trabalhadora improdutiva. Na medida em que vende o seu canto é uma assalariada ou uma comerciante. Porém, a mesma cantora contratada por um empresário que a põe a cantar para ganhar dinheiro, é uma trabalhadora produtiva, pois produz diretamente capital. Um mestre-escola que ensina outras pessoas não é um trabalho produtivo. Porém, um mestre-escola que é contratado com outros para valorizar, mediante o seu trabalho, o dinheiro do empresário da instituição que trafica com o conhecimento é um trabalhador produtivo.

A partir da revolução industrial, intensifica-se a produção de bens materiais, não para o próprio consumo, mas para a venda, para o mercado. O trabalho passa a criar riquezas e mercadorias alheias aos trabalhadores, para os quais a sua força de trabalho é a única mercadoria que possuem e esta é vendida para o capital como forma de sobrevivência. É nessa venda da força de trabalho que o capitalista obtém a mais-valia<sup>2</sup>, visto que a mais-valia nada mais é que a quantidade de tempo de trabalho não pago ao trabalhador. Nesse ponto,

---

<sup>2</sup> Marx cita dois tipos de mais-valia: mais-valia absoluta, na qual o capitalista aumenta as horas de trabalho; e a mais-valia relativa, em que o capitalista introduz maquinaria e tecnologias para aumentar a produção e tornar o trabalho mais produtivo aumentando seu lucro.

segundo Mattos (2009), Marx conceituou o duplo caráter do trabalho: trabalho abstrato e concreto. Segundo ele, o trabalho abstrato é o dispêndio de força e energia humana em sua forma abstrata, o qual é medido quantitativamente e, portanto, cria valores de troca e, conseqüentemente, a mais-valia, enquanto o trabalho concreto é representado no dispêndio de força humana em sua forma concreta, produtor de valor de uso, ou seja, medido qualitativamente, pela sua utilidade.

Após o exposto sobre a revolução industrial, é necessário explicarmos o que argumenta Manfredi (2016, p. 3), reforçando que “nesse momento histórico ocorre um processo de metamorfose do trabalho, que, de autônomo e independente, passa a ser assalariado, dependente, sob o controle do capital”. Esse período demarca a passagem do século XVII para o XIX.

É interessante destacarmos a forma como o trabalhador foi apartado dos seus meios de produção e como o trabalho foi se transformando em uma mercadoria e uma forma de exploração do trabalhador pelo capital. O trabalho, portanto, deixa de ser uma atividade livre e consciente, para se tornar algo alheio ao homem, que não lhe pertence. Assim posto, Marx (2004, p. 87) afirma que a “propriedade privada é, portanto, o produto, o resultado, a consequência do trabalho exteriorizado da relação externa (*ausserlichen*) do trabalhador com a natureza e consigo mesmo”. Neste ponto, Antunes e Alves (2004, p. 348) afirmam que a alienação/estranhamento “é ainda mais intensa nos estratos precarizados da força humana de trabalho, que vivenciam as condições mais desprovidas de direitos e em condições de instabilidade cotidiana, dada pelo trabalho *part-time*, temporário e precarizado”.

É a partir da década de 70, de acordo com Festi (2020), que o capitalismo enfrenta uma grande crise estrutural e, como consequência, houve regressão dos direitos sociais. Iniciava-se, de acordo com o autor, o neoliberalismo, o qual ele destaca como sendo uma fase de “destituição das forças produtivas e financeirização da economia”. O mundo do trabalho sofreu fortes transformações que culminaram na precarização do trabalho, instabilidade acentuada com a terceirização dos serviços e perdas de direitos historicamente conquistados. Seguem algumas transformações citadas por Borges e Yamamoto (2017, p. 58) no mundo do trabalho desde 1970:

1. crescimento mais lento da economia, com queda da credibilidade no progresso e no futuro;
2. surgimento do desemprego estrutural e dissociação entre crescimento econômico e crescimento da oferta de emprego;
3. generalizada percepção de instabilidade no emprego;
4. persistência de várias formas de discriminação (p. ex., qualificação e gênero);



5. tendência à redução das incompatibilidades entre instrução formal e requisitos dos postos de trabalho no núcleo moderno da economia; e
6. persistência das trocas de trabalho pobre em conteúdo e/ou arriscado por aumento de consumo entre a maioria da população (trabalhos precários).

A sociedade contemporânea tem vivenciado um desemprego estrutural, o qual tem suas raízes desde a última revolução industrial, quando a mão-de-obra vai sendo cada vez menos solicitada por causa das tecnologias inseridas no processo de produção. Nesse ponto, Rossato (2001, p. 158) considera que “o mundo do trabalho passou por uma grande e paradoxal transformação: o avanço da tecnologia voltou-se contra o próprio homem ou contra a maioria da humanidade”. Isso porque, segundo ele, a sociedade ficou dividida entre os incluídos e os excluídos. Ou seja, entre aqueles que detêm o poder econômico e os rumos do mundo do trabalho, determinando preços e requisitando cada vez menos a força de trabalho; e aqueles que são excluídos do mundo do trabalho, os desempregados, a massa de trabalhadores que está à deriva, sem emprego.

Porém, é necessário compreendermos que, de acordo com Antunes (2015), a tecnologia afeta profundamente as relações de trabalho, tanto positiva como negativamente. Positivamente, traz ganhos práticos com as mudanças informacionais, pois atividades que antes eram muito “duras”, com a robotização, diminuíram os riscos e acidentes para os trabalhadores, o que o autor considera como poupadoras da força de trabalho e mais lucrativas. Antunes (2015), então, trata essa relação de positividade e negatividade da introdução das tecnologias como algo heterogêneo. Para ele, a tecnologia é emblemática no que condiz às contradições da sociedade, uma vez que apresenta infinitas vantagens e desvantagens. Para o autor, a tecnologia tem esse sentido plural. Neste sentido, Frigotto (2008, p. 9) argumenta que:

Chegamos ao fim do século XX com a seguinte contradição: a ciência e a técnica que tem a virtualidade de produzir uma melhor qualidade de vida, ocupar os seres humanos por menos tempo nas tarefas de produzir para a sobrevivência e liberá-los para o tempo livre – tempo de escolha, de fruição, de lazer, sob as relações do capitalismo tardio produz-se o desemprego estrutural ou o trabalho precarizado.

Diante de tudo o que foi exposto, desse breve histórico de mutações do trabalho, é fato que conhecer tais condicionantes desse complexo movimento de metamorfoses sofrido pelo trabalho ao longo dos anos é esclarecedor.

Nesse sentido, Antunes e Alves (2004, p. 342) afirmam que:

Desse modo, para se compreender a nova forma de ser do trabalho, a classe trabalhadora hoje, é preciso partir de uma concepção ampliada de trabalho. Ela compreende a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda

da sua força de trabalho, não se restringindo aos trabalhadores manuais diretos, incorporando também a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo que vende sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário.

Antunes e Alves (2004), a partir de seus estudos informam que, com a mundialização do capital, na sua forma atual demonstra uma heterogeneidade da força de trabalho, incorporando trabalhadores do proletariado industrial, trabalhadores improdutivos que, como já vimos, não produzem mais-valia. Abrange também o proletariado rural, das regiões agroindustriais, o trabalhador fabril, trabalhadores informais, temporários e a massa de desempregados. Essa é a heterogeneidade em que se encontra a classe que vive do trabalho nos tempos atuais. Para este autor, a classe trabalhadora atual é bem mais ampla que a do século passado. Para ele, ainda, a classe trabalhadora é composta pelo conjunto de seres sociais que vendem sua força de trabalho, assalariados e desprovidos dos meios de produção.

Assim posto, é interessante entendermos que, se, no Taylorismo/Fordismo, a divisão do trabalho centrava-se na fábrica, era “territorializado”, com a reestruturação<sup>3</sup> produtiva, esse trabalho passou a ser flexibilizado e, conseqüentemente, ainda mais precarizado, destituído de direitos e garantias legais. A instabilidade no trabalho intensificou-se e vivemos um fenômeno de “empreendedorismo” e informalidade, que mascaram o desemprego estrutural, oriundo do processo de financeirização<sup>4</sup> e mundialização do capital, que são decorrentes de sua transformação.

Encerramos essa seção na expectativa de termos apresentado, mesmo que de forma breve (sem a pretensão de termos alcançado todos os fatos), um histórico capaz de fazê-los compreender essa categoria tão complexa, mas tão necessária, que é o trabalho. Seguiremos com a metodologia utilizada para aplicação do compêndio acadêmico.

## **Metodologia**

Os sujeitos da pesquisa corresponderam a um número de 14 bolsistas do Programa de Apoio à Formação Estudantil (PAFE) do IFRN *campus* Apodi, visto que, naquele

---

<sup>3</sup> Refere-se ao novo processo de relações de produção nas indústrias que teve início com a Terceira Revolução Industrial na década de 1970, como resposta à crise do Fordismo/Taylorismo.

<sup>4</sup> De acordo com Festi (2020) A partir dos anos 70 o capitalismo enfrentou uma grande crise estrutural e como consequência houve regressão dos direitos sociais. Iniciava-se de acordo com o autor o neoliberalismo, que ele destaca como sendo uma fase de “destituição das forças produtivas e financeirização da economia”.

momento, o programa contava apenas com 15 participantes, já que, devido à pandemia pela COVID-19<sup>5</sup>, não houve seleção para preenchimento das 32 vagas que o Programa possui.

Para critério de inclusão, optamos por incluir e priorizar na pesquisa os bolsistas com idade entre 15 e 29 anos, por esta ser a faixa etária majoritária no programa e por atender ao critério de idade atribuído ao ECA e ao Estatuto da Juventude.

Em relação aos atuais participantes, 93,33% deles possuem renda *per capita* de até ½ salário-mínimo, sendo que 86,77% nunca trabalharam. Desses estudantes, 40% são do sexo feminino e 60% são do sexo masculino. Em relação à cor/raça 73,33% se autodeclararam pardos, 20 % se autodeclararam brancos e 1% se autodeclarou de cor preta.

No que concerne à abordagem do problema, à sua natureza, trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual realizamos entrevistas semiestruturadas com os bolsistas do PAFE, com o intuito de interpretar os olhares dos sujeitos acerca de seus ambientes de trabalho, relacionando-os com o entendimento do mundo do trabalho, e do programa na sua formação profissional. Ou seja, é qualitativa no concerne às análises dos discursos produzidos pelas entrevistas.

A pesquisa qualitativa é assim definida por Minayo (2001, p. 21):

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Fizemos uma pesquisa aplicada, a qual, segundo Silva (2005, p. 20), “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”. Nesse sentido, elaboramos um compêndio acadêmico, como produto educacional, a partir da análise das falas coletadas nas entrevistas, bem como baseado no referencial teórico sobre o mundo do trabalho. Sua aplicação ocorreu em um encontro elaborado no formato de uma oficina por meio do *google meet*, devido à paralisação das aulas em virtude da pandemia em curso. O intuito era gerar um novo conhecimento a partir do conhecimento prévio dos bolsistas do PAFE.

Partindo dos seus objetivos, entendemos que a pesquisa foi de natureza descritiva, uma vez que descrevemos as características do nosso objeto de estudo, conforme Gonsalves

---

<sup>5</sup> Uma pandemia que teve início no final de 2019 na cidade de Wuhan, na China e se alastrou pelo mundo e fez com que os governos adotassem medidas de isolamento social, orientando a população ficar em casa, o fechamento dos serviços não essenciais, como alguns comércios, as escolas adotaram aulas remotas, na tentativa de parar o ciclo de contaminação.

(2001), relacionando-a com os seus elementos constitutivos, como suas características socioeconômicas e o entendimento destes sobre o mundo do trabalho a partir das entrevistas realizadas. Compreendemos que tais informações dizem muito, não só sobre os indivíduos, mas também sobre o porquê de como a pesquisa foi conduzida.

Realizamos um levantamento bibliográfico, na fase exploratória da pesquisa, sobre as discussões acerca do tema, bem como um estudo documental, que diz respeito às normas, regulamentos e portarias do programa em foco.

Ainda a respeito dos procedimentos, consideramos a pesquisa como uma Pesquisa Ação, por ter sido mais apropriada ao que pretendemos investigar, uma vez que o intuito era de que, a partir do problema identificado, buscássemos transformar a realidade investigada. Para Silva (2005, p. 22), a Pesquisa Ação é definida como:

Quando concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Partindo desse conceito, adotamos a Pesquisa Ação nas seguintes dimensões: Dimensão Formativa, por se conceber em uma capacitação da pesquisadora, enquanto aluna de mestrado, e na capacitação dos estudantes envolvidos no processo, por meio de uma oficina na qual foi aplicado um compêndio acadêmico sobre o mundo do trabalho; Dimensão Interventiva, no sentido de que produzimos materiais, elaboramos o encontro, as metodologias que foram adotadas, dentre outros; a Dimensão Investigativa: levantamento da realidade, estudo sobre o conhecimento prévio dos bolsistas do PAFE, situação de trabalho etc; e, por fim, a avaliação do que foi desenvolvido com esses estudantes, por meio da aplicação de um questionário sobre o que foi trabalhado, como forma de analisarmos as possíveis mudanças nos seus entendimentos sobre o mundo do trabalho.

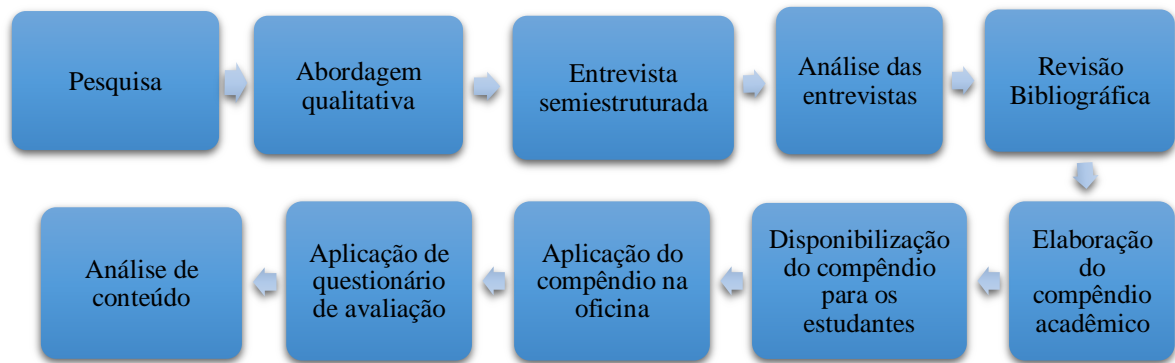
No que concerne ao método de análise dos dados, utilizamos a categorização para análise dos discursos, categorizando as perguntas no roteiro da entrevista. De acordo com Galiazzi e Moraes (2005, p. 116):

Cada categoria corresponde a um conjunto de unidades de análise que se organiza a partir de algum aspecto de semelhança que as aproxima. As categorias são construtos linguísticos, não tendo por isso limites precisos. Daí a importância de sua descrição cuidadosa, sempre no sentido de mostrar aos leitores e outros interlocutores as opções e interpretações assumidas pelo pesquisador.

Esse processo de categorização exige muita atenção do pesquisador, no sentido de conseguir elencar as categorias de forma clara. Se esse processo não for executado a

conteúdo, poderá comprometer toda a estrutura da pesquisa. Nesse sentido, utilizamos o método de análise de conteúdo, muito difundido por Bardin, por meio da categorização, e desta forma tentamos responder aos objetivos geral e específicos da pesquisa, conforme apontam Silva e Fossá (2015). Segue abaixo o fluxograma, representado na Figura 1, com o passa-a-passo dos procedimentos metodológicos utilizados:

**Figura 1** - Procedimentos metodológicos.



**Fonte:** Autoria própria (2022).

## **Análise e resultados**

A escolha de uma metodologia de ensino requer muito cuidado e perpassa por uma série de critérios para sua utilização, como, por exemplo, o público-alvo, o local de aplicação, os recursos materiais, a aplicabilidade etc. Para além dessas questões, a metodologia precisa ter embasamento teórico para nortear sua efetivação. Neste sentido, compreendendo a importância da interação entre os sujeitos envolvidos, é interessante que se utilizem metodologias que permitam essa interação e a construção de conhecimento coletivo.

Posto isso, baseamo-nos nas abordagens pedagógicas Histórico-Crítica abordadas por Saviani e na Sócio-Cultural de Freire, já que estas dialogam com a proposta deste estudo. O produto educacional consistiu na elaboração de um compêndio acadêmico sobre o mundo do trabalho, o qual foi aplicado em uma oficina, que objetivou servir como espaço de construção de conhecimento, dialogando com o seu público-alvo na perspectiva de emancipação humana desses sujeitos, visando, dessa forma, contribuir para sua formação humana integral.

Pensamos na oficina para a aplicação, por entendermos que este método de ensino potencializa a participação dos sujeitos, além de fazer uma articulação entre a teoria e a prática. Inspirados nas concepções pedagógicas Freirianas e de Saviani, optamos por essa metodologia de ensino. Nesse caminho, Paviani e Fontana (2009, p. 78) argumentam que:

Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva.

Com base nessa assertiva, com o intuito de atender aos objetivos geral e específicos da pesquisa, o compêndio acadêmico teve como tema: “O que é trabalho?”. Para tal, amparamo-nos nas respostas dos bolsistas do PAFE nas entrevistas que investigaram o conhecimento prévio desses estudantes acerca do mundo do trabalho e de seus ambientes de trabalho. Em seguida, problematizamos as respostas e apontamos o conceito marxista de trabalho como princípio educativo para assim darmos consistência teórica à elaboração do compêndio.

Na elaboração do compêndio, abordamos questões que envolvem o mundo do trabalho, e que, algumas vezes, causam distorções no entendimento desses discentes como: conceitos de trabalho e emprego; a relação escolaridade x empregabilidade; a dimensão ontológica do trabalho; suas mudanças ao longo do tempo; trabalho como princípio educativo.

Após analisarmos as respostas das entrevistas, elaboramos o compêndio, socializamos previamente com os bolsistas do PAFE, para que eles fizessem a leitura prévia, como forma de subsidiar as discussões na oficina. Essa oficina almejou atender ao objetivo específico de descrever o entendimento dos bolsistas em foco acerca do mundo do trabalho, posto que foi elaborada a partir dos questionamentos levantados na entrevista, e discussões sobre o trabalho como princípio educativo. A sua duração foi de, aproximadamente, duas horas.

Durante a oficina, abordamos os principais pontos do compêndio, em uma roda de conversa. Em seguida, utilizamos músicas que tratam sobre o mundo do trabalho, como “Música do Trabalho” de Renato Russo, “Guerreiro menino” de Gonzaguinha, “Construção” de Chico Buarque, “Trabalho e festa” também de Gonzaguinha, “Fábrica” de Legião Urbana, para que os estudantes conseguissem identificar os diferentes sentidos do trabalho em cada música apresentada.

Nessa mesma perspectiva, também trabalhamos com poemas que abordaram a categoria trabalho, como o poema de Vinícius de Moraes “O operário em construção”; o poema do heterônimo de Fernando Pessoa “Sentes, Pensas e Sabes que Pensas e Sentes” e o poema “Entoadá” da Professora Elenice Gomes de Oliveira.

Destarte, o compêndio acadêmico intitulado de “O que é trabalho?” trouxe vários elementos sobre o tema, como músicas, poemas e filmes, além de discorrer sobre a história do trabalho, desde o seu sentido ontológico até a atualidade. Nesse sentido, foi essencial a seguinte reflexão, tanto na oficina quanto no produto que se materializou em um compêndio, em que o trabalho se transformou? Como ele tem se concretizado na vida da classe trabalhadora? Chico Buarque<sup>6</sup> nos traz algumas reflexões a esse respeito, com seu grande clássico, a música Construção:

Subiu a construção como se fosse máquina; Ergueu no patamar quatro paredes sólidas; Tijolo com tijolo num desenho mágico; Seus olhos embotados de; cimento e lágrima; Sentou pra descansar como se fosse sábado; Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe; Bebeu e soluçou como se fosse um naufrago; Dançou e gargalhou como se ouvisse música; E tropeçou no céu como se fosse um bêbado; E flutuou no ar como se fosse um pássaro; E se acabou no chão feito um pacote flácido; Agonizou no meio do passeio público; [...] Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir; A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir; Por me deixar respirar, por me deixar existir; Deus lhe pague [...] (CONSTRUÇÃO, 1971).

Esses versos escancaram a degradação do trabalhador provocada pelo seu trabalho precarizado, assim como sua desumanização ao ser tratado como uma máquina, concretizada em movimentos repetitivos, parcelados. Discute ainda o distanciamento do trabalho do sentido ontológico como uma ação do homem que transforma a natureza ao mesmo tempo em que o transforma; a alienação de passar diariamente por situações degradantes, de forma quase que mecânica e ainda assim agradecer o pouco que obtém desse ofício; a crueldade de um acidente de trabalho normalizado e banalizado cotidianamente.

Destarte, a música supracitada, escrita na década de 70, nunca foi tão hodierna. E assim permanecerá, enquanto prevalecer a sociabilidade que a sustenta como atual: o modo de produção capitalista. Afinal, não existe a possibilidade de concretização de um *capitalism soft*.<sup>7</sup>

---

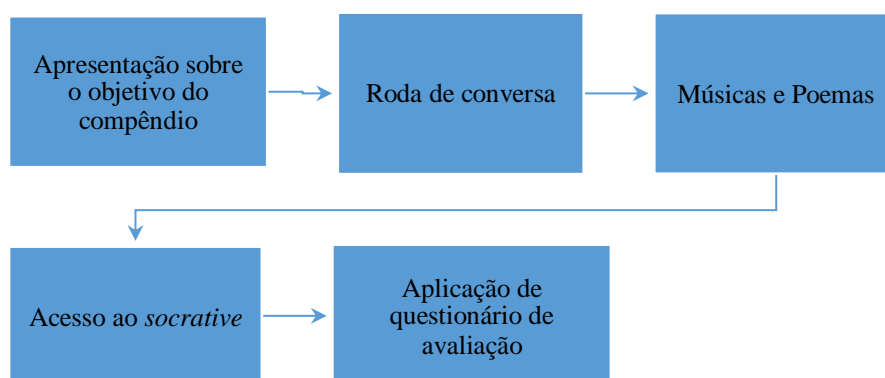
<sup>6</sup> Francisco Buarque de Hollanda é músico, dramaturgo, cantor e compositor da Música Popular Brasileira.

<sup>7</sup> Esse termo tem sido utilizado para se referir a um tipo de capitalismo mais brando em que se utiliza um senso de propriedade dos funcionários. Defendemos não existir um capitalismo brando, uma vez que não existe capitalismo sem exploração. A exploração é o *modus operandi* do capitalismo.

Neste sentido, enquanto tal sociabilidade permanecer, a discussão sobre o mundo do trabalho e reafirmação deste como princípio educativo será sempre uma forma de resistência e luta por sua superação.

Desse modo, o produto educacional desta pesquisa, materializado em um compêndio acadêmico e aplicado em uma oficina pedagógica, buscou trazer para o cerne das discussões o mundo do trabalho, as sociabilidades que o envolvem, ancorado nos conhecimentos pedagógicos da pedagogia histórico-Crítica de Saviani e Sociocultural de Freire. Compreendemos que tais perspectivas pedagógicas põem em xeque a supremacia do modo de produção capitalista, através do despertar crítico dos sujeitos, corroborando com a construção do conhecimento de forma ativa e participativa, com vistas à emancipação humana. Veja, a seguir, o fluxograma com a metodologia da oficina, ver Figura 2:

**Figura 2** - Metodologia da oficina pedagógica.



**Fonte:** Autoria própria (2022).

Seguindo o fluxograma supracitado, após as discussões, acessamos com os estudantes o *site socrative*. Esse site, que também disponibiliza aplicativo, permite a interação entre professor e discente através de *tablet*, computador ou *smartphone*, e necessita de conexão com a Internet. Ele permite criar questionários com perguntas de múltipla escolha, com as opções de verdadeiro ou falso, e permite também respostas abertas. Nele é possível trabalhar com questionário individual ou por meio de jogos em equipes. A nossa opção foi a de trabalhar com questionário individual com cinco afirmações a serem assinaladas com falso ou verdadeiro.

Posterior às respostas dos estudantes nos *socrative*, o próprio site disponibilizou um relatório com a porcentagem de acertos, o que facilitou a análise acerca do que eles aprenderam. Vejamos a tabela de desempenho que o *site* disponibilizou ao final do *quizz*.



com a porcentagem de acertos por perguntas e com o desempenho tanto individual como geral:

O que percebemos, ao final do *quizz*, foi uma quantidade maior de erros na afirmativa: 1. “O trabalho não é uma atividade exclusivamente humana”. A resposta correta seria “falso”, porém, observamos um número considerável de respostas erradas dos estudantes ao assinarem essa alternativa como verdadeira. Sendo assim, diante dos erros observados, para dirimir as dúvidas dos estudantes, retomamos a discussão sobre essa questão, para que compreendessem o porquê de essa resposta ser falsa. Nas demais perguntas, obtiveram um ótimo desempenho, demonstrando terem compreendido bem o que foi discutido ao longo da oficina.

**Figura 3** – Respostas dos alunos ao *quizz* do *site socrative*.

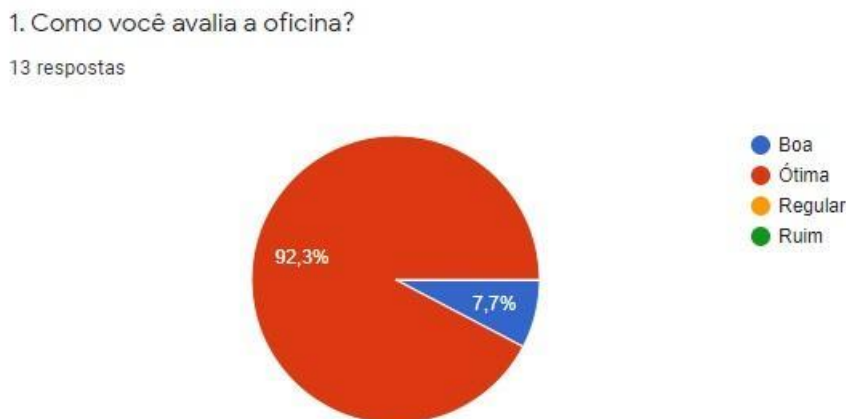
NOME ▲	PONTO % ↓	1	2	3	4	5
.....	✓ 80%	✗ Verd...	✓ Verd...	✓ Falso	✓ Falso	✓ Verd...
.....	✓ 100%	✓ Falso	✓ Verd...	✓ Falso	✓ Falso	✓ Verd...
.....	✓ 80%	✗ Verd...	✓ Verd...	✓ Falso	✓ Falso	✓ Verd...
.....	✓ 60%	✗ Verd...	✗ Falso	✓ Falso	✓ Falso	✓ Verd...
.....	✓ 80%	✗ Verd...	✓ Verd...	✓ Falso	✓ Falso	✓ Verd...
.....	✓ 80%	✗ Verd...	✓ Verd...	✓ Falso	✓ Falso	✓ Verd...
.....	✓ 100%	✓ Falso	✓ Verd...	✓ Falso	✓ Falso	✓ Verd...
.....	✓ 80%	✗ Verd...	✓ Verd...	✓ Falso	✓ Falso	✓ Verd...
.....	✓ 60%	✗ Verd...	✓ Verd...	✗ Verd...	✓ Falso	✓ Verd...
.....	✓ 100%	✓ Falso	✓ Verd...	✓ Falso	✓ Falso	✓ Verd...
.....	✓ 100%	✓ Falso	✓ Verd...	✓ Falso	✓ Falso	✓ Verd...
.....	✓ 60%	✗ Verd...	✗ Falso	✓ Falso	✓ Falso	✓ Verd...
.....	20%	✓ Falso				
13 Classe Total		38%	83%	92%	100%	100%

**Fonte:** Dados extraídos do *site socrative*.

Dessa forma, nosso intuito foi dinamizar a discussão e avaliarmos o conhecimento adquirido pelos estudantes após a leitura do compêndio e das discussões fomentadas na oficina. Ao final desta, disponibilizamos um questionário avaliativo para os discentes responderem, com o intuito de analisarmos as possíveis mudanças no conhecimento desses

estudantes que participaram da pesquisa acerca do mundo do trabalho. Isso também possibilitou aos participantes avaliarem os métodos utilizados na oficina. Vejamos as perguntas e as respostas:

**Gráfico 1** – Respostas dos estudantes às perguntas objetivas dos questionários de avaliação.



**Fonte:** Dados extraídos da pesquisa no *google forms*.

Nesse quesito, tivemos uma excelente avaliação, com 92,3% dos estudantes avaliando a oficina como ótima, e 7,7% como boa. Vale ressaltar, que essa avaliação foi enviada para os estudantes via *google forms*, na qual não havia identificação, como forma de garantir que as respostas fossem fidedignas às verdadeiras percepções dos bolsistas acerca da oficina e compêndio. Abaixo temos o gráfico das respostas da pergunta de número dois.

**Gráfico 2** – Respostas dos estudantes às perguntas objetivas dos questionários de avaliação.



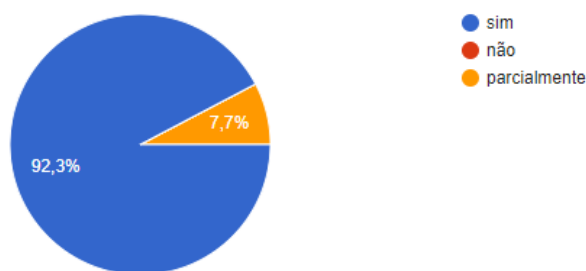
**Fonte:** Dados extraídos da pesquisa no *google forms*.

Nessa questão, também obtivemos uma avaliação bastante positiva, com 76% dos alunos avaliando a metodologia da oficina como ótima e apenas 7,7% como regular, o que corroborou com as discussões em que os estudantes se mostraram participativos, apesar do método remoto utilizado para realização da oficina. Sabemos que a forma presencial facilita a interação e a percepção em relação ao envolvimento, porém, mesmo de forma remota, foi possível identificarmos a interação desses estudantes nas discussões. Vejamos agora a pergunta de número 3.

**Gráfico 3** – Respostas dos estudantes às perguntas objetivas dos questionários de avaliação.

3. Você considera que o compêndio acadêmico contribuiu para o seu conhecimento sobre o mundo do trabalho?

13 respostas



**Fonte:** Dados extraídos da pesquisa no *google forms*.

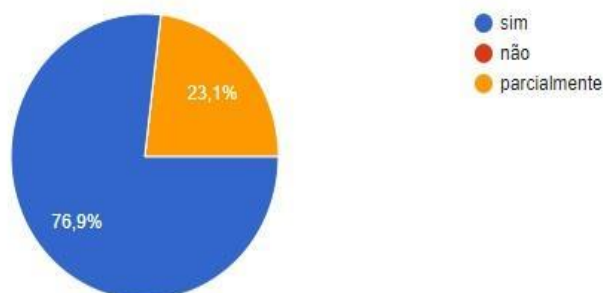
Nessa questão, encontra-se o objetivo principal do compêndio: contribuir para o conhecimento dos bolsistas do PAFE acerca do mundo do trabalho. As respostas foram bastante positivas, com 92,3% dos estudantes afirmando que o compêndio contribuiu para o objetivo acima exposto. Apenas 7,7% deles responderam que o compêndio contribuiu parcialmente, o que corresponde a apenas um estudante dos 13 que participaram da oficina.

Na pergunta de número 4 da avaliação, o intuito era identificarmos se os bolsistas possuíam algum conhecimento prévio sobre o mundo do trabalho e se este conhecimento sofreu alguma mudança após a leitura do compêndio e discussões na oficina. Segue abaixo o gráfico das respostas:

**Gráfico 4** – Respostas dos estudantes às perguntas objetivas dos questionários de avaliação.

4. O seu conhecimento sobre o mundo do trabalho mudou após a oficina e o compêndio?

13 respostas



**Fonte:** Dados extraídos da pesquisa no *google forms*.

Com 76,9% de respostas afirmativas, que correspondem a 10 alunos dos 13 participantes da oficina, podemos perceber que o compêndio e oficina fomentaram discussões que vieram a promover mudanças de algumas percepções desses bolsistas acerca do mundo do trabalho. O que poderemos constatar na última pergunta de número cinco, que era discursiva. Vejamos abaixo, algumas das respostas em relação às mudanças em suas percepções sobre o mundo do trabalho após compêndio e oficina:

**Figura 3** – Respostas subjetivas do questionário apresentado no *Google forms*.

Se você respondeu sim ou parcialmente na questão anterior, qual o seu novo conhecimento adquirido sobre o mundo do trabalho após o compêndio e oficina?

13 respostas

desenvolveu uma maior criticidade em mim em relação ao mundo do trabalho.

Consegui diferenciar os termos "Emprego" e "Trabalho", além de criar um novo olhar crítico sobre.

A percepção das relações de trabalho nas músicas e composições artísticas e cinematográficas. A diferença entre o trabalhador "livre" assalariado, e os empregadores.

conhecimentos sobre conceitos relacionados ao trabalho, capitalismo, relação trabalhador/patrão, além de saber mais sobre a história do trabalho

Apreendi, com o compêndio e a oficina, a tecer maiores juízos críticos acerca das relações trabalhistas. Entendi, além disso, as mudanças e a importância do trabalho na história e nas sociedades de inserção. Por fim, pude levar em consideração diversas produções culturais capazes de me ambientar nesse mundo do trabalho.

Agora tenho uma visão melhor sobre o trabalho educativo, assim como uma melhor compreensão das mudanças sobre o termo e as relações de trabalho.

**Fonte:** Dados extraídos da pesquisa no *google forms*.

Coadunando com o gráfico anterior, as respostas à última pergunta confirmaram que o compêndio despertou algumas questões novas na percepção desses estudantes acerca do mundo do trabalho. Questões como maior criticidade em relação ao mundo do trabalho, a

diferença entre trabalho e emprego, as desigualdades nas relações de trabalho, a forma como as músicas, poemas e filmes, que alguns deles desconheciam, abordam esse tema, foram os principais apontamentos apresentados nas respostas supracitadas.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o entendimento dos bolsistas do PAFE, especificamente os que fazem parte do IFRN *campus* Apodi, acerca do mundo do trabalho. Para isso, utilizamos categorias de análises que subsidiaram as entrevistas e, conseqüentemente, a análise dos resultados.

Durante o percurso metodológico da pesquisa, além das entrevistas, utilizamos um questionário de avaliação, para identificarmos possíveis mudanças no entendimento desses bolsistas acerca do que foi abordado durante a leitura prévia do compêndio acadêmico para sua posterior aplicação na oficina pedagógica.

É importante destacar que, para a análise das entrevistas e das categorias iniciais e secundárias, embasamo-nos na teoria de Marx quanto à categoria trabalho; em Gramsci, em relação à categoria do princípio educativo do trabalho; e em Freire, quando este coaduna com Gramsci em relação a uma educação para todos e libertadora. Neste sentido, o compêndio foi elaborado a partir desses conceitos e após as questões levantadas pelos estudantes durante as entrevistas.

A materialização do percurso metodológico, em virtude da pandemia, ocorreu de forma virtual, com as entrevistas e oficinas pedagógicas sendo realizadas via *google meet*. A experiência, apesar de não ter sido a idealizada, ocorreu a contento, visto que obtivemos uma participação efetiva dos estudantes, não só em relação à presença, mesmo que virtual, mas em relação à participação durante os diálogos ocorridos no encontro. Dos 14 bolsistas, 13 participaram da oficina, o que equivale a 92, 85% de participação.

As discussões foram bastante profícuas e, ao final, os estudantes demonstraram nas respostas à avaliação que passaram a ter um olhar crítico acerca do mundo do trabalho. Embora alguns deles já possuíam um certo conhecimento sobre o assunto, mesmo assim, de acordo com as respostas, puderam aprofundar esse conhecimento e mudar um pouco o olhar sobre algumas questões, principalmente sobre o mercado de trabalho e a sua relação com a escolaridade e/ou qualificação.

A maioria dos estudantes enfatizou a relação e influência da escolaridade e qualificação no processo de acesso ao mercado de trabalho, apesar de não fazerem uma

avaliação ou crítica mais aprofundada em relação a esse processo, e sobretudo ao modo de produção capitalista. Durante a oficina, essa relação foi bastante discutida com os bolsistas, que chegaram a relatar um novo olhar, um olhar crítico, já que antes reverberam questões como a meritocracia, ou ainda, a responsabilização do indivíduo. A despeito disso, também tivemos respostas que já apontavam para uma criticidade ao modo de produção capitalista, especificamente neste ponto, todavia em um número ínfimo, porém não menos importante, que diferiam do que pensava a maioria dos bolsistas.

Durante as entrevistas, em relação ao que entendiam por *trabalho*, as respostas convergem bastante em torno da concepção do trabalho como uma ação que busca alcançar algum objetivo. Nessa pergunta, podemos identificar alguns pontos trazidos por Marx na sua concepção de trabalho, como a capacidade teleológica do homem de planejar algo antes de concretizar, bem como o sentido positivo do trabalho, como atividade criadora, capaz de desenvolver o homem em sua totalidade.

Por tanto, trazer a discussão da categoria *trabalho* com esses estudantes foi uma tentativa exitosa de demonstrar que o sentido ontológico do trabalho, apesar do contexto capitalista, ainda persiste, resiste, pois, o homem continua criativo, transformando, criando. O que nos resta é utilizar essa capacidade criativa de transformação em prol da classe trabalhadora. Para isso, é preciso despertar criticamente.

E sobre o novo olhar, é preciso reforçar que, antes de almejá-lo, o estudo buscou conhecer as primeiras percepções desses estudantes, conhecer sobre o que eles entendiam sobre o tema, para então termos o norte do que ensinaremos e o que aprenderíamos com eles. É preciso conhecer; e, para conhecer, é preciso perguntar, ouvir para ensinar e para aprender. Freire trouxe-nos uma rica contribuição a esse respeito. Por isso, tivemos a ideia de o compêndio ser elaborado após as entrevistas, já que precisávamos primeiro conhecer a percepção desses estudantes para elaborarmos algo que seria direcionado a eles. As entrevistas, nesse aspecto, foram cruciais. O novo olhar surgiu como consequência. O olhar questionador, crítico sobre suas realidades, sobre o mundo do trabalho era o que desejávamos, mas, sobretudo, desejávamos conhecer o primeiro olhar. Neste sentido, foi preciso conhecer para transformar.

## Referências

ANTUNES, R. **Trabalho e tecnologia**. [São Paulo]: Escola do Governo do Estado de São Paulo (EGESP), 2015. Série conversações. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=\\_dSRr4mQiJE&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=_dSRr4mQiJE&feature=youtu.be). Acesso em: 10 mar. 2020.

ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

BORGES, L. F. P. Educação, escola e humanização em Marx, Engels e Lukács. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 55, n. 45, p. 101-126, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/12747>. Acesso em 10 mar. 2020.

BORGES, L. de O.; YAMAMOTO, O. H. Mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. 2. edição. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 25-72.

CONSTRUÇÃO. Intérprete: Chico Buarque. Compositores: S. Costa e A. Silva. In: CONSTRUÇÃO. Intérprete: Chico Buarque. [S. l.: s. n.], 1971. 1 CD, faixa 4.

DELLA FONTE, S. S. Formação no e para o trabalho. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, Vitória, v. 2, n. 2, p. 6-19, 2018. Disponível em: <http://ojs2.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/1221/709>. Acesso em: 07 jun. 2022.

ENGELS, F. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. [S. l.: s. n.], 1876

FESTI, R. Artigo de opinião: A distopia do capitalismo de plataforma. **Jornal Correio Braziliense**, 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br>. Acesso em: 07 jun. 2022.

FRIGOTTO, G. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], v. 14, n. 40, jan./abr. 2009.

FRIGOTTO, G. **Concepções e mudanças no Mundo do Trabalho e o Ensino Médio**. 2008. Disponível em <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2008-2/EducacaoMII/2SF/2-Frigotto2008.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2022.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alinea, 2001. 80 p.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2005.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MANFREDI, S. M. **Educação profissional no Brasil: atores e cenários ao longo da história**. São Paulo: Pacc Editorial, 2016.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Editora Moraes, 1985c. Livro 1, vol. 1.

MATTOS, M. B. **A classe trabalhadora**: de Marx a nosso tempo. São Paulo: Boitempo, 2019.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2005.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago. 2009.

ROSSATO, E. As transformações no mundo do trabalho. **Revista Vidya**, Santa Maria, n. 36, jul. 2001. Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2001/36/transformacoes.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualit@s Revista Eletrônica**, [S. l.], v. 16, n. 1, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.18391/qualitas.v16i1.2113>. Acesso em: 07 jun. 2022.

TUMOLO, P. S. O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 90, p. 239-265, jan./abr. 2005.

TUMOLO, P. S. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

#### **Autores:**

##### **Izabel Cristina Leite de Lima**

Bacharel em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).  
Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) em Rede Nacional com polo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).  
Atualmente é Assistente Social no IFRN *campus* Apodi.

E-mail: [izabel.leite@ifrn.edu.br](mailto:izabel.leite@ifrn.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0001-7745-7269>

##### **Sonia Cristina Ferreira Maia**

Graduação Plena em Educação Física, Especialização em Educação Física Infantil, Aperfeiçoamento em Recreação e Lazer pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Mestrado em Mídia e Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).  
Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).



Pós-doutorado em Ciências da Educação - UMinho/Braga/Portuga.  
Professora Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande  
do Norte (IFRN) (Aposentada).  
E-mail: soniacris15@hotmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-3986-6517>

**Como citar o artigo:**

LIMA, I. C. L.; MAIA, S. C. F. *Qué es trabajo? Una encuesta de becarios del IFRN.*  
**Revista Paradigma**, Maracay, v. 43, Edição Temática 3, p.527-551, sep., 2022.